A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS: O ESPAÇO COMO MEDIADOR

BUILDING LITERARY READERS: THE SPACE AS MEDIATOR

Renata Junqueira de Souza[*]
Juliane Francischeti Martins Motoyama[**]

RESUMO: A biblioteca é uma organização social que prevalece a passagem dos séculos. Em cada momento histórico ela ocupou uma função diferente, mas sempre com o intuito de preservar os saberes e a cultura produzida pela humanidade. Com os últimos avanços nos estudos sobre a formação do leitor literário, vem se desvelando uma nova faceta do espaço da biblioteca, a de mediadora na formação do leitor. Espaços bem organizados e pensados para recepcionar de forma aconchegante os educandos tornam-se fundamentais para atrair os indivíduos para o universo da leitura. Desse modo, este artigo tem como objetivo geral estudar o papel dos locais destinados à leitura (salas de leitura e bibliotecas) como mediadores na formação do leitor literário na sociedade atual, de forma a permitir reflexões e adequações a estes espaços. Para tanto, apresenta-se o espaço do Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil "Maria Betty Coelho Silva" (CELLIJ) que há vinte anos vem desenvolvendo projetos no campo da formação de leitores em Presidente Prudente, no interior do estado de São Paulo, e toda a região.

Palavras-chave: Biblioteca; Leitor literário; Mediação de leitura.

ABSTRACT: The library is a social organization that remains in the passage of centuries. In each historical moment it held a different role, but always having the aim of preserving the knowledge and the culture produced by humanity. With the latest advances in studies on the formation of the literary reader, a new facet of the library space has been unveiled, as mediator in the formation of the reader. Well organized and planned spaces in order to warmly welcome the learners have become crucial to attract individuals to the world of reading. Thus, this paper aims to describe the role of places intended for reading (reading rooms and libraries) as mediators in the formation of the literary reader in today's society, so as to allow reflection and adjustments to these spaces. We present the space of the Center for Studies in Reading and Children's Literature "Maria Coelho Silva Betty" (CELLIJ) that for twenty years has been developing projects in the field of educating readers in Presidente Prudente, in the state of São Paulo, and the entire region.

Keywords: Library; Literary reader; Mediation of reading.

[*] recellij@gmail.com, Professora Livre Docente da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Presidente Prudente e coordenadora do CELLIJ - Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil "Maria Betty Coelho Silva".

[**] julianefmotoyama@gmail.com, Mestranda da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Presidente Prudente, membro do CELLIJ - Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil "Maria Betty Coelho Silva" e professora do Ensino Fundamental.

O ESPAÇO - BIBLIOTECA

Definir o papel social da biblioteca ao longo de sua existência é um trabalho muito difícil, afinal, em cada época ela foi compreendida de maneiras diferentes. Todavia, mesmo com essa diversidade de concepções envolvendo este espaço uma coisa é certa, sempre esteve ligada ao conceito de um local para arquivar e visitar os conhecimentos construídos pela humanidade, que, de acordo com a lógica dialética ao serem apropriados por outros indivíduos servem para a elaboração e construção de novos saberes.

Na sociedade atual, conhecida pela necessidade do acúmulo e construção de informações, encontra-se o cenário ideal para o desenvolvimento e manutenção de bibliotecas, pois mesmo com o avanço da tecnologia, o material impresso ainda é um dos caminhos mais viáveis para que a escola invista na formação cultural do educando crítico, ofertando-lhe uma gama de documentos que retratam as diferentes atividades humanas e seus significados.

Nesta perspectiva, o espaço da biblioteca não pode ser passivo. É preciso que se pense em uma organização dinâmica capaz de mediar o contato dos sujeitos com o material de leitura. Contações de histórias, organização do mobiliário para favorecer a acessibilidade dos visitantes são apenas algumas das ações que podem ser realizadas para tornar a biblioteca um local agradável e convidativo à leitura. Partindo das constatações acima mencionadas e da necessidade de apresentar experiências que possam contribuir para o campo da formação do leitor, principalmente em contextos escolares, surgiu o interesse de trabalhar com a temática do papel social do espaço da biblioteca como mediador na formação do leitor literário. Para tanto, pretendemos apresentar o ambiente do Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil "Maria Betty Coelho Silva" (CELLIJ) e as ações de mediação dialógicas que são desenvolvidas neste local.

O presente estudo demonstra a importância do espaço da biblioteca e das ações dos bibliotecários na sociedade da informação e da tecnologia, que apresenta como um dos principais fatores o comprometimento dos envolvidos em tornar a biblioteca um local de apreciação e construção do conhecimento, extrapolando os recursos midiáticos e trazendo o educando para o universo da literatura infantojuvenil.

Portanto, tem-se como objetivo geral estudar o papel dos espaços destinados à leitura (salas de leitura e bibliotecas) como mediadores na formação do leitor literário na sociedade atual, de forma a permitir reflexões e adequações para os espaços destinados à leitura nas escolas. O texto traz ainda uma reflexão sobre os conceitos de mediação e os mediadores; discorre sobre ações importantes para incentivar o gosto pela leitura literária e, por fim, examina como um espaço pode ser mediador na formação de leitores críticos.

O LEITOR LITERÁRIO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Segundo Colomer (2003), desde a década de 1980, os estudos que versam sobre a literatura infantojuvenil buscam compreender a dinâmica da interação que se estabelece entre o leitor e o texto, além de estudarem as mudanças na produção destinada a este público. O fato é que, para se formar um leitor literário, não basta à aquisição de novos títulos, ou mesmo a inauguração de novas bibliotecas. Este deve ser um projeto amplo que ultrapassa as barreiras da alfabetização e desenvolve-se através de um trabalho de construção do significado do texto, formação dos sujeitos para uma cultura letrada, trabalho de formação de bibliotecários e também a adequação de espaços que possam acolher e fomentar o gosto dos sujeitos para o texto literário.

Nas discussões sobre o tema, diversas são as opiniões dos autores a respeito do momento e a forma adequada de conduzir a formação do leitor literário. Bamberger (1991) e Coelho (1993), afirmam que é na primeira infância o momento ideal para o desenvolvimento das capacidades leitoras, mesmo que os indivíduos não dominem os códigos da leitura e escrita. Cosson (2009) defende que não se pode esperar que os bons leitores formem-se somente a partir de leituras de bons textos literários, sendo necessário oferecer a chance de experimentar diferentes formas de leitura, antecipando os fatos e fazendo inferências a partir do contexto e de um conhecimento prévio que já trazem de seus lares.

Diante do exposto, todas essas recomendações são consideravelmente relevantes, todavia, para se formar um leitor literário é necessária uma série elementos como: livros literários de qualidade, espaços adequados, mediadores de leitura, metodologias para que ocorra o ensino de estratégias de leitura e de compreensão textual em sala de aula.

A escola, por sua vez, possui um espaço privilegiado para formar leitores, pois as crianças vão até lá em busca de novos conhecimentos, aprender a decodificar a língua e necessitam ser apresentadas ao universo letrado. Dessa forma, cabe aos profissionais da educação aproveitar esse momento do desenvolvimento infantil, propício à formação e ao descobrimento para desenvolver ações que aproximem os educandos do texto literário. Como afirma Bamberger (1991) ninguém gosta daquilo que não conhece, portanto, nas instituições escolares os sujeitos devem ser apresentados ao texto literário para que possam construir uma relação com este tipo de material.

A ação de estabelecer contato dos alunos com a literatura não se dá apenas pelo contato físico da criança com o livro. É preciso que se desenvolvam ações mediadoras por parte dos docentes e bibliotecários para que os indivíduos se formem leitores proficientes.

MEDIAÇÃO

A mediação define-se pelo processo que se realiza a partir das relações que os homens estabelecem com o mundo e com os outros sujeitos. De acordo com Vygotsky (1989), ela é fundamental para a aquisição das Funções Psicológicas Superiores (FPS), pois "[...] nas formas superiores do comportamento humano, o indivíduo modifica ativamente a situação estimuladora como uma parte do processo de resposta a ela" (VYGOTSKY, 1989, p.15). Portanto, o desenvolvimento, a partir de processos de mediação diversos, das FPS é fundamental para que os indivíduos consigam realizar uma série e atividades cotidianas como manusear um livro corretamente e, simultaneamente, compreender seu conteúdo linguístico.

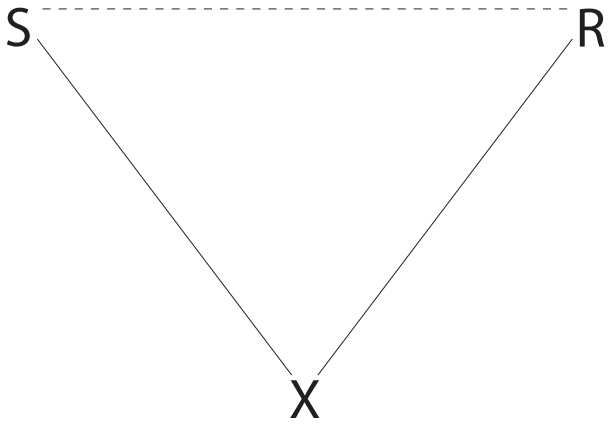
Aprofundando-se ainda mais nesta dinâmica, é possível vislumbrar que é a partir do desenvolvimento das FPS que os indivíduos tornam-se capazes de modificar as ações já construídas por outros sujeitos, criar novos procedimentos de conduta diante dos já existentes e transformar algumas das inclinações naturais e funções humanas. É neste desenrolar de fatos que ocorrem as transformações culturais que movimentam a sociedade e originam novos conceitos. Sendo assim, é plausível afirmar que o processo de mediação possibilita que os homens reelaborem sua realidade de forma a recriar e significar os signos, a atividade e a consciência levando-os a estabelecerem relações sócio interativas. Vygotsky (1989, p.45) esclarece que:

> Estudos cuidadosos demonstram que esse é um tipo básico de organização para todos os processos psicológicos superiores, ainda que de forma muito mais elaborada do que a mostrada acima. O elo intermediário nessa fórmula não é simplesmente um método para aumentar a eficiência da operação pré-existente, tampouco representa meramente um elo adicional na cadeia S-R. Na medida em que essa ação reversa, ele confere à operação psicológica formas qualitativamente novas e superiores, permitindo aos seres humanos, com o auxílio de estímulos extrínsecos, controlar o seu próprio comportamento.

Oliveira (2002) explica que a mediação para Vygotsky era compreendida como uma intervenção nas relações estabelecidas entre os sujeitos e os objetos, deixando esta relação de ser direta para ser mediada por algo ou alguém. É através da mediação, com o uso de instrumentos e signos, que os indivíduos se desenvolvem e se distinguem dos demais animais, pois sem ela seria impossível à existência de atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo.

Como em toda ação humana existem os instrumentos para mediar, no processo de aprendizagem não é diferente. Os indivíduos assimilam conceitos através da mediação da linguagem que, segundo Oliveira (2002, p.42), tem como função o "intercâmbio social: é para se comunicar com seus semelhantes que o homem cria e utiliza os sistemas de linguagens".

Figura 1: O processo de mediação



Fonte: Vygotsky (1989, p.45)

Na figura acima, estão delineados os mecanismos da mediação. Este processo não se dá em via direta estimulo (S) resposta (R), pois segundo defende Vygotsky (1989) o homem age através do uso de instrumentos ou signos mediadores (X) que ao longo da vida se enriquecem e predominam sobre as relações diretas. Oliveira (2002) exemplifica esta situação através da ação de acender uma vela. Neste caso, o estímulo (S) é o calor que irá gerar a chama, que por sua vez, atua como uma resposta (R) ao primeiro, todavia para que ocorra esta ação, é necessária a atuação do elo mediador, ou seja, a mão que executará a tarefa (X).

Este processo de mediação é múltiplo e amplo, ocorrendo constantemente na vida dos indivíduos seja nas relações interpessoais ou com os objetos e em mais de uma direção. Uma criança que está se alfabetizando e, juntamente com um colega que é mais experiente, busca ler um livro está passando por, pelo menos, três processos de mediação de leitura no qual tem como mediadores o colega, o objeto cultural livro e o signo linguístico. Desse modo, segundo Vygotsky (1989) constroem-se os elos complexos que eliminam gradativamente as chamadas relações diretas da vida dos indivíduos e favorecem o desenvolvimento das FPS.

OS DIFERENTES MEDIADORES

Os seres humanos, ao se relacionarem com o mundo, participam de eventos que contam com mediação diversa para acessar todo o conhecimento acumulado ao longo da história humana. A partir da discussão sobre o conceito de mediação vinculado aos estudos de Vygotsky (1989) é possível pensar nos mediadores que atuam durante o processo de aprendizagem. Eles podem ser um instrumento físico – livro, computador, professor, contador de histórias – ou simbólico como, por exemplo, a linguagem.

Nestas relações de mediação, o instrumento tem como função a regulação das ações que os indivíduos exercem sobre os objetos que possibilitaram a sua aprendiza-

gem. Para Vygotsky (1989) as operações com signos são mais complexas e atuam no campo psicológico e, assim como postulou Leontiev (1984), essa característica difere substancialmente os homens de outros animais. Dessa maneira, é através do uso de signos que os indivíduos controlam toda a atividade psicológica e as FPS como atenção, memorização, dentre outras.

Vygotsky (2009; 1989) discute as FPS sempre as atrelando ao conceito de mediação, pois segundo o estudioso, os signos possibilitam a formação de conceitos pela mente humana, desse modo, a linguagem – em suas variadas formas e sempre inserida em processos de interação social – torna-se um meio fundamental para que os indivíduos construam conceitos e consigam aprender. Assim, a linguagem é um mediador simbólico e fundamental para o desenvolvimento que atua nos signos que formulam o pensamento humano.

A mediação a partir de instrumentos físicos como, por exemplo, entre os educandos, ocorre quando dois parceiros, sendo um mais experiente e outro com certo nível de conhecimento, estão envolvidos no processo de aprendizagem de algo e primeiro viabiliza a ação do companheiro sobre o objeto. No caso de experiências com a leitura literária, quando dois estudantes leem juntos ou entram em contato com o livro, um auxilia o outro a internalizar os conceitos sobre texto e entendê-los e juntos compreendem o papel social da leitura para agirem sobre o seu meio. Essas interações sociais que ocorrem nestes momentos de mediação são importantes para a constituição do ser humano, pois através delas os indivíduos conseguem enriquecer o próprio repertório de textos literários e passam por um importante processo de humanização.

De acordo com Souza e Bortolanza (2012), os pais são, muitas vezes, os primeiros e mais importantes mediadores na formação do leitor literário, pois podem adquirir materiais de leitura e oferecer aos filhos. Nesta relação, os vínculos familiares auxiliam a criança a associar o momento da leitura a uma imagem prazerosa e isso pode estimular os indivíduos a lerem ao longo de suas vidas. Barros et al. (2006) afirmam que, o ambiente familiar leitor proporciona uma experiência única de aproximação da criança com o texto literário, tornando o trabalho dos educadores mais simples.

Todavia, reconhecemos que não é simples essa modalidade de mediação de leitura, pois muitas famílias não possuem estrutura para oferecer esses momentos às suas crianças. No entanto, mesmo que essas experiências não sejam vivenciadas nos lares dos educandos, cabe à escola oferecer oportunidades para que o estudante tenha acesso à leitura e à formação leitora.

Na sociedade atual, é comum associar o afastamento dos alunos da leitura com a ausência de leitura nos lares e ao excesso de estímulos tecnológicos. No entanto, os estudantes não se afastam das bibliotecas apenas para "navegar" na internet. Barros et al. (2006) alertam que a "miopia" dos formadores também é um fator relevante no distanciamento dos discentes da leitura, pois ainda existe uma crença arraigada nos

professores de que somente os materiais impressos e os grandes clássicos da literatura são bons materiais para a mediação e formação do leitor literário. Há que se considerar nos momentos de mediação que, através dos elementos lúdicos e de jogos, assim como propõem as tecnologias, é possível trazer o aluno para o universo da leitura e gradativamente ir apresentando as grandes obras e desvendando a literatura contemporânea.

Nos casos em que as crianças iniciam sua vida escolar sem uma experiência de leitura literária, os professores podem assumir a função de mediadores de leitura e para desempenhar seu papel com excelência é importante que, eles mesmos, também tenham conhecimento e certo vínculo com as obras que pretendem oferecer para seus educandos. O hábito de ler em sala de aula, mesmo para alunos que ainda não estão alfabetizados é importante para a formação do leitor, pois oferece a oportunidade de, desde cedo, o indivíduo entrar em contato com o universo da literatura infantojuvenil e enriquecer capacidades leitoras como a compreensão, aumentar o repertório pessoal e, principalmente, descobrir a estética literária e o prazer da leitura como atividade de lazer.

O profissional responsável pela biblioteca deve, juntamente com o docente, direcionar e orientar as escolhas dos educandos no que diz respeito aos seus interesses, estimulando a criança sempre a pegar materiais de qualidade e que estejam adequados a suas necessidades. Às vezes pode acontecer, por exemplo, de alguns alunos do 4º ano escolherem livros que são destinados a Educação Infantil, neste caso, o bibliotecário e o professor não devem obrigá-lo a trocar o material, mas podem oferecer novas opções para que o estudante possa conhecer outras possibilidades e selecionar materiais mais desafiadores para que continue sempre progredindo em sua formação leitora.

Outra figura mediadora que pode atuar na formação do leitor literário em sala de aula e na biblioteca é o contador de histórias. Quando estes profissionais recebem formação adequada, conseguem desenvolver técnicas e conquistar os ouvintes para a visitação de espaços de leitura, mediando o contato das crianças com o universo da literatura infantojuvenil de modo que, elas internalizem os comportamentos de leitura e estimulando-as a buscarem novas aventuras em outros livros por iniciativa própria.

Em meio a estes mediadores aqui apresentados, o espaço da biblioteca também deve ser pensado para ser acolhedor, com organização adequada para que os estudantes possam buscar o que lhes interessam. Souza e Bortolanza (2012) defendem que o espaço de localização da biblioteca também é um importante agente na formação do leitor literário, portanto, torna-se fundamental o planejamento de atividades para que os estudantes possam estabelecer relações com os objetos de leitura "e apropriar-se das maneiras de ler. Para isso, os educadores devem organizar atividades significativas de leitura/literatura a partir do conhecimento teórico sobre esses conteúdos" (SOUZA E BORTOLANZA, 2012, p.81).

AMBIENTES MEDIADORES: ESPAÇOS E OBJETOS QUE DESPERTAM PARA A LEITURA

Como já mencionado, são diversas as possibilidades para mediar à leitura literária no ambiente escolar, desde a ação docente até atividades como contações de história. Tendo em vista a eficiência do processo da formação do leitor, este tópico discute os espaços das bibliotecas escolares como um dos mediadores na formação do leitor literário.

A relação que se estabelece neste estudo e na sociedade entre a biblioteca e a escola não é aleatória. Pombo (1997) defende que para que os indivíduos possam ter acesso ao conteúdo guardado pela biblioteca, mesmo as que não estão em espaço escolar, ele necessita do letramento que, por sua vez, é fruto da escolarização e do ensino sistemático da língua. Em contrapartida, para que os docentes possam transmitir aos seus educandos os conhecimentos construídos ao longo da história da humanidade é necessário o uso do material fornecido pelas bibliotecas, assim, constrói-se uma relação dialógica entre as duas instituições de forma a complementar a formação dos indivíduos.

No entanto, é preciso destacar que a função da biblioteca na formação dos sujeitos não se restringe a apresentação dos conhecimentos construídos ao longo do desenvolvimento humano. Pombo (1997) defende que a biblioteca é uma das engrenagens formadoras da sociedade, pois apresenta aos educandos novas possibilidades de buscar saberes e estabelece relações únicas entre os alunos e os materiais de leitura. Nesse elo que se forma entre os discentes e os livros também se constrói condições para que se desenvolvam atividades de estudo (DAVYDOV *et al.,* 2014), assim, compreende-se que a função da biblioteca é ampla e formadora. Desse modo, ao adquirir competências e habilidades para circular pelos espaços que compõem a biblioteca, os alunos desenvolverão a capacidade de estudarem sozinhos e de trabalharem de maneira autônoma no próprio desenvolvimento cognitivo.

Se a instituição social denominada biblioteca é importante para a construção de indivíduos, o que se dizer de seu espaço físico? Como o ambiente interfere na formação do leitor literário? Essas questões retomam a ideia de mediação acima desenvolvida. O espaço que abriga o acervo, quando pensado e organizado em função das necessidades dos alunos/usuários, pode atuar como mais um mediador entre a criança e o livro.

Ao refletir sobre a importância da preparação do espaço físico da biblioteca, Pereira (2006, p.09) defende que "uma biblioteca bem organizada, especialmente construída ou reformada para acolher livros e seus leitores é, com certeza, o primeiro estímulo para a leitura". Dessa forma, é preciso refletir sobre como seria esse espaço acolhedor para os materiais de leitura e os sujeitos leitores. Souza e Bortolanza (2012) começam defendendo que a organização física deve ser aconchegante e possibilitar o livre acesso dos alunos aos materiais e conforto no momento da leitura, além de livros em locais que os usuários consigam pegar e fazer as escolhas, mesas adequadas ao tamanho da criança. Silva (2009) também aconselha uma organização agradável para a biblioteca

com ventilação e iluminação adequadas, bem como de um espaço mínimo de 1,2 m² para cada usuário, além de possuir diversos elementos que possibilitem a acessibilidade.

Para ser mediadora na formação do leitor, a biblioteca deve ser um local funcional, onde ocorrem momentos de leitura, pesquisas, contações de histórias, com espaços destinados a essas atividades lúdicas e um ambiente reservado ao empréstimo das obras. No espaço lúdico, os livros podem ser expostos de diversas formas como em cestas, baús, em cantos decorados de acordo com o gênero textual ou a temática da obra, podem estar dispostos com fantoches e em locais inusitados como tapetes com almofadas e outras formas de organização que sejam acolheodoras e que possibilitem mobilidade, escolha e conforto aos que buscam a leitura.

Pereira (2006) complementa que o recinto da biblioteca, além de todos estes elementos aconchegantes e que convidam para a leitura, deve ser seco, ventilado e bastante iluminado para garantir a preservação do acervo e a qualidade da leitura. A limpeza do espaço deve ser sempre observada para evitar que os livros sejam danificados e os usuários se sintam desconfortáveis. Silva (2009) orienta que as tonalidades que irão compor o ambiente também devem ser escolhidas para dar continuidade a tendência de acolher os visitantes e convidá-los a apreciação das obras, portanto, as paredes da parte interna devem ser pintadas de cores diferentes das que compõem as salas de aula com matizes claros e alegres, mas sem poluição visual, pois os livros são "as estrelas" da biblioteca.

Buscando criar um centro de referência na formação do leitor literário, desde 1996 o CELLIJ que está no Campus da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) de Presidente Prudente, no interior do estado de São Paulo, organiza-se para atender a todos estes requisitos de espaço mediador. O local recebe, semanalmente, os estudantes das escolas de toda a região para auxiliar no acesso a leitura literária de qualidade, desenvolvimento das capacidades leitoras e ensino de estratégias de leitura. O local foi pensado para que as crianças se sintam próximas dos livros e possam manuseá-los de modo a encontrar o que mais agrada.

No CELLIJ existem dois espaços para recepcionar os visitantes, a Biblioteca Infantil Prudente (BIP)[3] que funciona como uma sala de leitura e empréstimos com mais de cinco mil exemplares que incluem livros dos mais diversos autores e formatos como, por exemplo, livro-brinquedo. Os materiais ficam expostos em estantes baixas para que as crianças tenham acesso e possibilidade de escolha, ao proporcionar essa aproximação física dos indivíduos com o livro, a mediação do espaço para a formação do leitor já está ocorrendo, pois oferece a liberdade e o prazer das descobertas.

As cores que compõem o espaço foram selecionadas para proporcionar uma sensação de calma e serenidade, sendo as paredes claras e os móveis coloridos, mas sempre em tons neutros. As paredes foram decoradas com telas que retratam famosas perso-

[3] Esta é a primeira biblioteca infantil da UNESP.

nagens da literatura infantojuvenil como a protagonista Raquel da obra *Bolsa Amarela* (NUNES, 1986) e até uma versão da boneca Emília de Monteiro Lobato, todas as imagens fugindo dos estereótipos comerciais e abrindo espaço para o desenvolvimento da imaginação dos visitantes.

Figura 2: Biblioteca Infantil Prudente (BIP)



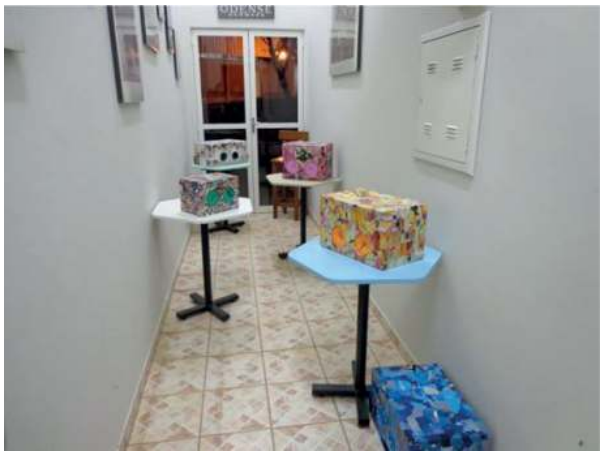
Fonte: Acervo CELLIJ, 2013.

Em anexo ao espaço da BIP existe uma sala que é livre para atividades de incentivo a leitura como contações de história e sarais literários. Mensalmente, de acordo com um tema escolhido pela equipe do CELLIJ, este local é redecorado de modo que os visitantes possam interagir com o mundo da literatura infantojuvenil a partir de experiências práticas. Em maio de 2013, por exemplo, o tema escolhido foi *As mães na literatura*, portanto, todos os espaços foram adaptados para proporcionar uma experiência sensorial e de leitura diferente aos visitantes.

Logo no início do passeio literário, os alunos eram direcionados a esta sala anexa à BIP onde encontravam diversas caixas lacradas apenas com um pequeno espaço para que se colocassem as mãos, nelas as crianças exploravam com os dedos diversos objetos que remetiam as mães, mas não os viam (eram sapatos, joias, utensílios domésticos e outros adereços típicos das mulheres). Ainda sem saber do tema da história que ia ser contada, as crianças eram estimuladas a partir dos objetos tateados, tentarem inferir o que eles tinham em comum. Ao adentrarem ao espaço da contação de histórias, os visitantes relatavam suas impressões e as memórias, inclusive de leitura, que haviam sido ativadas durante a experiência sensorial com as caixas.

Com o tema mãe introduzido, ocorria então uma contação de histórias sobre mães. As crianças da Educação Infantil ouviam a história *A vaca que botou um ovo* (CUTBILL, 2010) e as do Ensino Fundamental eram apresentadas à *Suriléia-mãe--monstrinha* (ZATS, 1984). Ambas narrativas eram contadas através da técnica do teatro de sombras.

Figura 3: Caixas sensoriais



Fonte: Acervo CELLIJ, 2013.

No momento da contação de histórias no CELLIJ, além do contador atuar como um mediador de leitura apresentando novas histórias e despertando a curiosidade das crianças, o espaço também atua como mediador e formador, a medida que possibilita aos visitantes diferentes experiências e vivências que os deixam mais receptivos a buscar novas sensações na literatura. Ao participar da dinâmica das caixas e serem convidados a relembrarem de leituras que dialogam com os objetos maternos, os usuários recebem um convite a relacionar as obras e os temas e assim gradativamente ir construindo um repertório de leitura, ou seja, o ambiente também é responsável por ampliar os conhecimentos prévios desses leitores.

Após o momento de contação, os visitantes conheciam o espaço da BIP, que, além da organização já mencionada, contava com uma exposição de reproduções de famosas pinturas em que mestres como Picasso, Leonardo da Vinci, Portinari e outros retratavam em suas obras figuras femininas com filhos. Assim, os alunos eram convidados a realizar novas leituras, dessa vez de telas que também dialogavam com as caixas e com a história narrada. Desse modo, mais uma vez o espaço da biblioteca estava mediando à formação do leitor, apresentando mais elementos para complementar e estimular o ato de ler dessas crianças.

O acervo que compõem a BIP é diverso e sempre está sendo ampliado conforme orientam os especialistas (SILVA, 2009). No entanto, existe uma estante que abriga somente os livros que tratam do tema que o mês está abordando como, por exemplo, mães, folclore, crianças. Dessa forma, os visitantes ficam livres para manusear os materiais assim como, continuar a incursão pela temática que o espaço está propondo. Essa renovação constante dos materiais que serão oferecidos aos usuários da biblioteca também é importante, pois traz novidades que convidam a leitura. E mais do que isso, revigora o ambiente para que todo mês a criança possa voltar em busca de novas sensações, de novas experiências e de novas histórias e livros.

Atualmente, o CELLIJ desenvolve diversos projetos que resultam na aquisição de livros interativos como *pop up*, livros sonoros, livros de imagens e outras linguagens que possibilitam uma leitura dinâmica e autônoma, respeitando os direitos do leitor à escolha do título que mais lhe agrada.

Dessa forma, com variedade de livros, decoração temática do espaço, acessibilidade a diferentes linguagens e tipos de leitura, atividades de contação de história, serviço de empréstimo de materiais e formação dos profissionais que irão atuar junto aos visitantes da biblioteca é possível perceber como o CELLIJ constrói gradativamente um espaço que medeia à formação do leitor literário. Todavia, este ambiente não existe sozinho, é preciso o trabalho dos mediadores – bibliotecários e contadores – para sua organização e formulação e estratégias que possam envolver o público e facilitar o desenvolvimento das habilidades leitoras. Com um trabalho de reflexão é possível, dentro da realidade de cada instituição de ensino, adequar a biblioteca escolar para que se torne um local convidativo à leitura, de modo que o docente possa trabalhar com práticas pedagógicas dinâmicas e que façam um uso real do acervo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é preciso repensar na função da biblioteca do século XXI, um espaço que guarda a história e conhecimento da humanidade, mas também um local de formação de leitores e de sujeitos que irão construir novos saberes. Neste sentido, defende-se uma biblioteca ativa que atue diretamente na construção dos leitores, que leem em busca de informação e prazer, de maneira dinâmica.

Em síntese, dispor de bons livros não é ação suficiente para a formação deste leitor proficiente. É preciso um investimento desde a primeira infância para que a criança frequente espaços adequados de leitura, seja com a família ou com os profissionais de educação. Um local em que as crianças possam gerar memórias prazerosas e experiências únicas que as farão desejar novas descobertas.

Embora a família seja um importante mediador nos primeiros contatos que a criança terá com os livros, é dever da escola apresentar os estudantes de maneira adequada ao universo letrado. Desse modo, cabe aos educadores desenvolver o trabalho de possibilitar que os alunos se apropriem do objeto cultural livro e consigam compreender, a partir do desenvolvimento das FPS, a função social da literatura.

Diante da apresentação do universo letrado aos sujeitos, a escola cria um forte vínculo com a biblioteca, pois uma depende da outra para desempenhar suas funções. As instituições escolares devem oferecer aos estudantes a possibilidade de se apropriarem da língua através de materiais de leitura. A biblioteca guarda livros que serão utilizados pelos docentes no processo de alfabetização e letramento. Em contrapartida, os indivíduos necessitam conhecer os processos e práticas de leitura, nos mais diversos

aspectos, para que possam frequentar e aproveitar dos acervos das bibliotecas.

Ocorre então, uma cadeia de mediações que atua diretamente na construção do sujeito leitor. A linguagem, que é apresentada pelos familiares e docentes, possibilita a leitura e a compreensão. Os professores, bibliotecários e outros alunos apresentam os usos sociais dos textos diversos, as formas de exploração e manuseio de livros e outros materiais de leitura. Os contadores de história abrem as portas de deliciosas narrativas e as apresentam mesmo para crianças que ainda não decodificam os signos linguísticos. E, finalmente, o espaço da biblioteca que abriga todos esses indivíduos – língua, profissionais bibliotecários, professores, usuários, contadores – também desempenha seu papel, mantendo os livros em locais que as crianças tenham acesso e possam escolher os que lhes agradam.

A partir desse encadeamento de ações, o espaço da biblioteca deixa de ser um abrigo de livros e passa a ser um local dinâmico, vivo que oferece aos usuários diversas opções e, consequentemente, convida-os para a visitação e leitura. A criança ao se deparar com este tipo de organização começa a ter condições de escolha, pode tocar os livros, descobrir suas texturas, suas imagens e distinguir um que atenda as suas necessidades, pode lê-lo ou leva-lo para casa, podem ouvir histórias sem abrir um livro e, talvez, depois disso buscar novas sensações, novas leituras. Toda essa liberdade criada no espaço da biblioteca torna a experiência de leitura prazerosa e interfere na construção do gosto de ler.

A leitura é uma ação exploratória, que vai muito além da decodificação de signos linguísticos. Portanto, ao visitar uma biblioteca, a criança deve receber a oportunidade de observar e ler com todos os seus cinco sentidos, observando-os com os olhos, mesmo que sem decodificar, por isso é importante que o espaço conte com pinturas e outros objetos de arte. O toque é fundamental para a exploração na infância, assim, ao retirar os livros da estante, sentir sua textura, ter outros objetos para manuseio tátil que remetam a literatura como instrumentos lúdicos retirados das histórias estimulam a busca pela leitura. O olfato também pode ser uma das estratégias de aproximação dos alunos à biblioteca, para tanto, utilizam-se aromatizantes que proporcionem a sensação de calmaria aos leitores, o que pode estimular os usuários a buscarem novos odores como, por exemplo, o cheiro dos livros. E porque não saboreá-los, os bebês possuem grande sensibilidade na boca, assim, oferecer materiais que possam ser mordidos e explorados com a região oral é primordial para a aproximação desse leitor.

A literatura humaniza os sujeitos, por isso, é importante que se invista cada dia mais na formação do leitor literário. É incoerente dizer que as novas tecnologias afastam as crianças da leitura, pois o que distancia os indivíduos dos espaços de leitura é o conservadorismo. As bibliotecas não podem mais serem vistas como depósitos de livros e sim como espaços dinâmicos de formação leitora, para tanto, devem investir na decoração agradável e proporcionar diversas atividades simultaneamente, proporcionando ao visitante o mesmo ritmo que o mundo moderno está sugerindo. Com

espaços bem pensados, diversidades de modos de ler, para que o aluno possa escolher o que mais atenda as suas necessidades e passa a vislumbrar a visita à biblioteca como um momento de prazer e lazer.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito de leitura*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1991.

BARROS, M. H. T. C. A mediação da leitura na biblioteca. In: BARROS, M. H. T. C.; BORTOLIN, S.; SILVA, R. J. *Leitura*: mediação e mediador. São Paulo: FA, 2006.

COELHO, N. N. *Literatura Infantil*: teoria, análise e didática. 6º ed. São Paulo: Ática, 1993.

COLOMER, T. *A formação do leitor literário*: narrativa infantil e juvenil atual. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COSSON, R. *Letramento literário*: teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

CUTBILL, A. *A vaca que botou um ovo*. Editora Salamandra, 2010.

DAVYDOV, V.V.; SLOBODCHIKO, V.I.; TSUKERMAN, G.A. O aluno das séries iniciais como sujeito da atividade de estudo. *Ensino Em Re-Vista*, v.21, n.1, p.101-110, jan./jun. 2014

LEONTIEV, A. N. *Actividad, conciencia y personalidad*. Editorial Catargo de Mexico: Ciudad de Mexico, 1984.

NUNES, L. B. *A bolsa amarela*. Rio de Janeiro: Agir, 1986.

OLIVEIRA, M. K. *Vygotsky:* aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

PEREIRA, A. K. *Biblioteca na escola*. Brasília: Ministério da Educação – Secretaria da Educação Básica, 2006.

POMBO, O. Museu e Biblioteca. A Alma da Escola. In Pombo, O. (org.), *O Museu de Alexandria* (organização de uma monografia sobre o museu de Alexandria), 4º Caderno de História e Filosofia da Educação, Lisboa: ed. Departamento de Educação da Faculdade de Ciências de Lisboa, 1997, p. 3-21.

SILVA, R. J. Biblioteca escolar: organização e funcionamento. In: SOUZA, Renata Junqueira (org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas*: o mediador em formação. Campinas: Mercado das Letras, 2009. (p.115-145)

SOUZA, R. J., BORTOLANZA, A. M. E. Leitura e Literatura para Crianças de meses a 5 anos: livros, poesias e outras ideias. In: *Leitura e Cidadania*. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

VIGOTSKI, L.S. *A construção do pensamento e da linguagem.* Tradução Paulo Bezerra. 2º ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009 (Biblioteca Pedagógica).

_____. *A formação social da mente*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZATS, L. *Suriléa-mãe-monstrinha*. 13ª ed. São Paulo: Paulus, 1984.